



Ryszard Kapuściński

MAIS UM
DIA DE VIDA
ANGOLA 1975



Prefácio de Pedro Rosa Mendes

Tradução de Ana Saldanha

COORDENADOR DA COLECÇÃO
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXIII

ÍNDICE

© 2013, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

© 1976 e 2000, Ryszard Kapuściński
Publicado pela primeira vez com o título original *Jeszcze dzień życia*,
por Czytelnik, Varsóvia, 1976

Título: *Mais Um Dia de Vida. Angola 1975*
Autor: Ryszard Kapuściński
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques
Prefácio: Pedro Rosa Mendes
Tradução: Ana Saldanha
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Setembro de 2013

ISBN 978-989-671-176-4
Depósito Legal n.º 364009/13

Prefácio	
<i>Uma alegoria na história</i>	7
Introdução	15
Estamos a fechar a cidade	17
Cenas da linha da frente	49
Telegramas	111
ABC	167
Nota biográfica	189

PREFÁCIO
Uma alegoria na história

Mais Um Dia de Vida, publicado originalmente na Polónia em 1976, é o primeiro livro de reportagem de Ryszard Kapuściński, apesar de não ter sido o primeiro do autor a transpor a Cortina de Ferro (apenas saiu em inglês em 1987). O enviado da agência de notícias polaca foi dos poucos estrangeiros (não o único) a cobrir os meses que antecederam a independência de Angola, em Novembro de 1975. A temática angolana é para nós familiar, apelativa e... enganosa. Este *não é* um livro sobre a guerra civil angolana. Esses são outros. É o relato de viagem por uma cidade que apenas existiu três meses: a Luanda entre o êxodo português e a proclamação da independência pelo MPLA. *Mais Um Dia de Vida* é, por isso, um documento único. Talvez seja também bom jornalismo. É, sem dúvida, grande literatura.

O escritor Gabriel García Márquez, num *workshop* sobre novo jornalismo promovido pela sua fundação em 2001, na Cidade do México, defendeu que um jornalista pode «colorir» uma descrição dos factos de forma a captar melhor a atmosfera do momento e o espírito da pessoa no centro da reportagem.

«Onde é que há traição nisso?», perguntou o Nobel colombiano, virando-se para o anfitrião do *workshop*, Kapuściński: «Tu também contas mentiras de vez em quando, não contas, Ryszard?» O grande jornalista polaco, tipicamente, não respondeu. Sorriu apenas, o que foi resposta suficiente para os jovens jornalistas que participavam no *workshop*.

Muito se escreveu sobre a relação dúbia do grande repórter polaco com a «verdade», anos antes de a sua biografia definitiva ser publicada na Polónia em 2010 pelo seu colega, amigo e pupilo, Artur Domosławski. O título original da biografia é, aliás, elucidativo: *Kapuściński, Não-Ficção*. Ainda em vida de Kapuściński, historiadores e antropólogos desmontaram erros, inverosimilhanças e generalizações impróprias em clássicos como *The Emperor*. «Barroco tropical», catalogou o africanista John Ryle para resumir o género criado por Kapuściński.

Objectividade em reportagem de guerra era uma impossibilidade emocional e ética para Kapuściński. Ele disse-o desde cedo e esse não era um dos seus segredos inconvenientes. Com efeito, a primeira deontologia de Kapuściński não se estabelecia com a factualidade literal de cada história mas com a responsabilidade do jornalista diante e dentro da História. Kapuściński era um repórter de um específico *Zeitgeist*, o pós-Segunda Guerra Mundial e a realidade da reconstrução da Polónia num sentido socialista — de melhoramento humano.

«Nós não fomos a geração da estabilização e não foi isso que determinou a nossa perspectiva, lógica e acções. Pelo contrário, fomos uma geração de questionamento e

de empenho, e também de sacrifícios. Em primeiro lugar, e acima de tudo, tínhamos consciência de que o mais importante e aquilo que era comum a todos estava acima da esfera individual de assuntos relevantes para cada um de nós. Mais tarde, nas minhas viagens pela América Latina, África e Médio Oriente, enquanto lá vivia, sempre procurei essas atitudes e essas pessoas», afirmou Kapuściński numa entrevista da época de *Mais Um Dia de Vida*. «Em que é que eu estou empenhado? Acima de tudo, em devolver a dignidade ao homem do Terceiro Mundo, desprezado e humilhado durante séculos, pois o desprezo era uma condição inseparável e acessória da conquista.»

A catalogação de jornalismo literário é porventura desfasada no caso de Kapuściński. Talvez seja pertinente propor os conceitos de literatura da actualidade e de jornalismo intencionado: reportagens feitas de caneta e arma na mão (literalmente, como veremos), escritas a bem de uma ideia de Bem. A batalha de Luanda é, desse modo, uma alegoria jornalística de mais um dia de guerra por uma ideia que organizava o mundo não segundo o que ele era mas pelo que deveria ser — onde «tudo o que era mau desapareceria», na expressão do líder da oposição polaca, Jacek Kuroń. Ainda assim, a realidade impõe-se e ficou intacta nas páginas de Mestre Kapu. «De todas as cidades na baía, só a Luanda de pedra, cada vez mais despovoada e supérflua, permanecia.»

PEDRO ROSA MENDES

Nós somos seres humanos.
Quando chega o medo, o sono raramente vem.
Nem toda a gente pode fazer tudo.
O marinheiro fala de ventos; o agricultor, de gado;
o soldado enumera as feridas.
Enquanto eu respirar, terei esperança.
A vida é vigilância.
Não há vida na guerra.
O homem é o lobo do homem.
No jardim de Beladona nascem as sementes da morte.
Os resultados das batalhas são sempre incertos.
Aquele que sabe vencer-se na vitória é duplamente
vitorioso.
Tu sabes como vencer, Aníbal, mas não como
tirar partido da vitória!
A única salvação para o conquistado: não esperar salvação
Ao sermos conquistados, conquistamos.
Quem foi que primeiro pegou nas espadas assustadoras?

Oh, Senhor!

Apesar das muitas preces que te fazemos, estamos continuamente a perder as nossas guerras. Amanhã combateremos novamente numa batalha que é verdadeiramente grandiosa. Com todo o nosso poderio, precisamos da Tua ajuda e eis porque tenho de Tê dizer algo: esta batalha amanhã vai ser um caso muito sério. Não haverá nela lugar para crianças. Por isso, tenho de Tê pedir que não mandes o Teu Filho para nos ajudar. Vem Tu Mesmo.

Prece de Kok, chefe da tribo griquas, antes de uma batalha com os africânderes, em 1876.

SIGLAS

FNLA: Frente Nacional de Libertação de Angola, liderada por Holden Roberto e apoiada pelas potências ocidentais e pelo Zaire.

MPLA: Movimento Popular de Libertação de Angola, liderado por Agostinho Neto e apoiado pela União Soviética e por Cuba.

UNITA: União Nacional para a Independência Total de Angola, liderada por Jonas Savimbi e apoiada pelas potências ocidentais e pela África do Sul.

PIDE: Polícia Internacional e de Defesa do Estado.

PAP: Agência de Notícias Polaca.

INTRODUÇÃO

Este é um livro muito pessoal, sobre a experiência de estar sozinho e perdido. No Verão de 1975, o meu patrão — na altura, eu trabalhava para uma agência de notícias — disse:

«Esta é a tua última oportunidade de ires a Angola. Que dizes?»

Em situações destas, respondo sempre que sim. (Ele fez-me a pergunta daquela forma porque a guerra civil, que persiste até aos dias de hoje, já tinha começado. Muitas pessoas estavam convencidas de que o país se transformaria num inferno — um inferno fechado, ainda por cima, em que todos morreriam sem ajuda nem intervenção do exterior). A guerra tinha começado na Primavera desse ano, quando os novos governantes de Portugal, depois do derrube da ditadura de Salazar, concederam o direito à independência a Angola e às outras ex-colónias de Portugal. Em Angola, havia vários partidos políticos — armados até aos dentes — em luta uns contra os outros, e cada um desses partidos queria tomar o poder a qualquer custo (na maior parte dos casos, nem que custasse a vida aos seus irmãos).

A guerra entre esses partidos era desordenada, persistente e cruel. Eram todos inimigos uns dos outros e ninguém sabia com certeza quem iria morrer: às mãos de quem, quando e onde. Nem porquê. Todos os que podiam, fugiam de Angola. Eu estava decidido a ir para lá. Em Lisboa, convenci a tripulação de um dos últimos aviões militares portugueses com destino a Angola a levarem-me consigo. Para ser mais exacto, implorei-lhes que me levassem.

Na manhã seguinte, ao aterrar, vi pela janela do nosso avião um quadrado branco imóvel, rodeado pelo sol. Era Luanda.

ESTAMOS A FECHAR A CIDADE

DURANTE TRÊS MESES, VIVI EM Luanda, no Hotel Tivoli. Da janela do meu quarto, avistava a baía e o porto. Ao largo, estavam ancorados vários navios de carga com bandeiras europeias. Os seus capitães mantinham contacto via rádio com a Europa e faziam uma ideia mais precisa acerca do que estava a acontecer em Angola do que nós — prisioneiros numa cidade sitiada. Quando circulou pelo mundo a notícia de que a batalha para tomar Luanda estava iminente, os navios distanciaram-se da costa e mantiveram-se na linha do horizonte. A última esperança de salvação afastou-se com eles, visto que a fuga por terra era impossível, e corriam boatos de que o inimigo iria bombardear o aeroporto e desactivá-lo a qualquer momento. Mais tarde, veio a saber-se que a data para o ataque a Luanda fora alterada e a frota naval regressou à baía, à espera, como sempre, de carregamentos de algodão e café.

O movimento destes navios era uma importante fonte de informação para mim. Quando a baía ficou deserta, comecei a preparar-me para o pior. Escutava com atenção,

tentando ouvir o som do fogo de artilharia a aproximar-se. Perguntava-me se haveria alguma verdade no que os portugueses murmuravam entre si, que dois mil soldados de Holden Roberto estavam escondidos na cidade, aguardando ordens para iniciar o massacre. Mas, no meio desta ansiedade, os navios voltaram à baía. Interiormente, saudei os marinheiros, que nunca vira, como salvadores: a paz continuaria por mais algum tempo.

No quarto ao lado do meu, viviam duas pessoas de idade: o Sr. Silva, negociante de diamantes, e a mulher, a Dona Esmeralda, que estava a morrer de cancro. Ela passava os seus últimos dias de vida sem amparo nem paliativos, visto que os hospitais estavam fechados e os médicos tinham ido todos embora. O seu corpo, contorcido pelas dores, desaparecia no meio de um monte de almofadas. Eu tinha medo de entrar no quarto deles. Entrei uma vez para perguntar se a incomodava quando escrevia à máquina durante a noite. Esqueceu a dor por um momento, o suficiente para dizer:

«Não, Ricardo, já não me sobra tempo suficiente para me incomodar com o que quer que seja.»

O Sr. Silva andava pelos corredores horas a fio. Discutia com toda a gente, amaldiçoava o mundo, desconfiando de que o desfeiteavam. Até gritava com os pretos, apesar de, naquela altura, já toda a gente os tratar com bons modos e um dos nossos vizinhos ter passado a interpelar africanos que não conhecia de lado nenhum para lhes dar um aperto de mão e lhes fazer uma vénia. Eles julgavam que a guerra lhe tinha afectado o juízo e afastavam-se a toda a pressa.

O Sr. Silva aguardava a chegada de Holden Roberto e estava sempre a perguntar-me se eu tinha alguma novidade sobre o assunto. A visão dos navios a afastarem-se da costa encheu-o de felicidade. Esfregou as mãos, empertigou-se e mostrou a dentadura postiça.

Apesar de estar um calor insuportável, o Sr. Silva andava sempre com roupas quentes. Tinha fiadas de diamantes cosidos nas pregas do fato. Uma vez, num acesso de bom humor, quando parecia que a FNLA estava já à entrada do hotel, mostrou-me uma mancheia de pedras transparentes que pareciam fragmentos de vidro esmagado. Eram diamantes. No hotel, constava que o Sr. Silva trazia consigo meio milhão de dólares. O velho senhor não sabia o que fazer. Queria escapar com a sua riqueza, mas a doença de Dona Esmeralda amarrava-o ali. Tinha medo de que, se não partisse de imediato, alguém o denunciasse e o seu tesouro lhe fosse confiscado. Nunca saía à rua. Até queria mandar instalar fechaduras extra, mas todos os serralheiros tinham partido e já não havia ninguém em Angola que soubesse fazer esse serviço.

Em frente a mim, vivia um casal jovem, Artur e Maria. Ele era funcionário público colonial e ela, uma loira calada, calma, com olhos enevoados e sensuais. Estavam à espera de partir, mas primeiro tinham de trocar o dinheiro angolano por dinheiro português, o que levava semanas, porque as filas nos bancos eram intermináveis. A nossa empregada da limpeza, uma mulher idosa e cheia de vivacidade e simpatia chamada Dona Cartagina, veio-me

confidenciar que o Artur e a Maria viviam em pecado. Isso queria dizer que viviam como pretos, como aqueles ateus do MPLA. Na sua escala de valores, era o grau mais baixo de degradação e infâmia a que um branco podia descer.

A Dona Cartagina também aguardava ansiosamente a chegada de Holden Roberto. Não sabia onde se encontrava o seu exército e pedia-me notícias às escondidas. Também me perguntou se eu dizia bem do FNLA no que escrevia. Disse-lhe que sim, cheio de convicção. Em paga, ela limpava-me sempre o quarto com esmero e, numa altura em que não havia nada para beber na cidade, trouxe-me — de onde, não faço ideia — uma garrafa de água mineral.

Maria passou a tratar-me como um homem prestes a cometer suicídio quando eu lhe disse que permaneceria em Luanda até ao dia 11 de Novembro, data em que Angola se tornaria independente. Na sua opinião, não ficaria uma pedra por tombar na cidade. Toda a gente morreria e Luanda transformar-se-ia num grande cemitério, habitado por abutres e hienas. Aconselhava-me a partir o quanto antes. Apostei com ela uma garrafa de vinho em como sobreviveria e que nos encontraríamos no elegante Hotel Altis, em Lisboa, às cinco da tarde do dia 15 de Novembro. Cheguei tarde ao encontro, mas o rececionista tinha um recado para mim, de Maria, dizendo que tinha esperado, mas que partia com Artur para o Brasil no dia seguinte.

O Hotel Tivoli estava a rebentar pelas costuras e assemelhava-se às estações de caminhos-de-ferro polacas logo após a Segunda Guerra Mundial: cheio de gente que osci-

lava entre a agitação e a apatia, carregando trouxas atadas com cordas.

Cheirava mal em toda a parte, um fedor ácido, e uma humidade pegajosa e abafada espalhava-se pelo edifício. As pessoas transpiravam de calor e de medo. Havia um ambiente apocalíptico, uma expectativa de destruição. Alguém chegou com o boato de que se preparavam para bombardear a cidade durante a noite. Uma outra pessoa ouvira dizer que, nos bairros dos negros, se afiavam facas para cortar a garganta aos portugueses. A insurreição explodiria a qualquer momento. «Que insurreição?», perguntei, para poder informar Varsóvia. Ninguém sabia exactamente. Apenas uma insurreição, e descobriremos de que natureza é quando nos atingir.

Os boatos deixavam toda a gente exausta, enervada, sem capacidade para pensar. A cidade vivia num ambiente de histeria e tremia de medo. As pessoas não sabiam como lidar com a realidade que as rodeava, como interpretá-la, habituar-se a ela. Os homens reuniam-se nos corredores do hotel para realizarem conselhos de guerra. Os mais pragmáticos e menos imaginativos eram a favor de barricar o Tivoli à noite. Os que tinham perspectivas mais amplas e a capacidade de situar as coisas num enquadramento global defendiam o envio de um telegrama às Nações Unidas, apelando à sua intervenção. Mas, como é costume entre os povos latinos, tudo terminava em discussão.

Todos os fins de tarde, um avião sobrevoava a cidade e lançava panfletos. O avião estava pintado de preto e não tinha luzes nem marcas. Nos panfletos afirmava-se que o exército de Holden Roberto estava às portas da cidade e que entraria na capital em breve, talvez no dia seguinte. Para facilitar a conquista, encorajava-se o povo a matar todos os russos, húngaros e polacos, que comandavam as unidades do MPLA e eram a causa da guerra e de todos os infortúnios que assolavam a infeliz nação. Isto aconteceu em Setembro, quando em Angola inteira havia uma única pessoa da Europa de Leste: eu. Bandos da PIDE andavam pela cidade; vinham ao hotel perguntar quem lá estava. Agiam impunemente — não existia autoridade em Luanda — e queriam vingar-se de tudo, da revolução em Portugal, da perda de Angola, das suas carreiras desfeitas. De cada vez que alguém batia à porta, podia ser o meu fim. Eu tentava não pensar no assunto, a única atitude possível em tal situação.

Os bandos da PIDE encontravam-se na discoteca Adão, ao lado do hotel. Lá, estava sempre escuro; os empregados andavam com lanternas. O dono da discoteca, um *playboy* gordo e arruinado, com pálpebras inchadas que lhe cobriam os olhos raiados de sangue, levou-me uma vez ao seu escritório. Nas paredes, havia prateleiras do chão ao tecto com 226 marcas de *whisky*. Ele tirou duas pistolas da gaveta da secretária e pousou-as à sua frente.

«Vou matar dez comunistas com estas armas», disse, «e então ficarei satisfeito.»

Olhei para ele, sorri e esperei para ver o que faria. Através da porta, ouvia música e os rufiões a passarem um bom bocado com mulatas bêbadas. O homem gordo voltou a enfiar as pistolas na gaveta e fechou-a. Até hoje, não sei por que me deixou ir embora. Talvez fosse uma daquelas pessoas que têm menos prazer em matar do que em saber que poderiam ter matado mas não o fizeram.

Durante todo o mês de Setembro, fui para a cama sem saber o que aconteceria durante a noite e no dia seguinte. Andavam por ali vários tipos cujas caras se tornaram familiares. Eu via-os muitas vezes, mas nunca trocámos palavra. Não sabia o que fazer. Decidi permanecer acordado — não queria que me apanhassem a dormir. Mas, a meio da noite, a tensão em que vivia atenuava-se e eu adormecia vestido e calçado, na grande cama que a Dona Cartagina tinha feito com tanto esmero.

O MPLA não podia proteger-me. Estava longe, nos bairros africanos, ou mais longe ainda, na frente de combate. A parte europeia da cidade, onde eu vivia, ainda não lhes pertencia. Por isso é que eu gostava de ir para a frente de combate — era mais seguro e mais familiar. Porém, só raramente podia fazer essas viagens. Ninguém, nem mesmo os militares, sabia definir exactamente onde era a frente. Não havia transportes nem comunicações. Encontravam-se pequenos postos isolados de militantes inexperientes perdidos em espaços enormes e traiçoeiros. Movimentavam-se sem plano prévio nem reflexão. Toda a gente combatia numa guerra privada, toda a gente estava por sua própria conta.

NOTA BIOGRÁFICA

RYSZARD KAPUŚCIŃSKI nasceu em 1932, na Polónia. É unanimemente considerado o grande autor da reportagem literária e o seu trabalho foi por vezes apelidado de «jornalismo mágico». Colaborou com vários órgãos de comunicação, mas distinguiu-se enquanto correspondente da agência noticiosa polaca, a PAP: ao longo de dez anos, cobriu cinquenta países. Kapuściński viveu vinte e sete revoluções e golpes de estado, foi preso cerca de quarenta vezes e sobreviveu a quatro sentenças de morte. Assistiu, por exemplo, ao golpe de estado no Chile e à revolução no Irão. Os seus trabalhos mais conhecidos datam dos anos que passou em África, nas décadas de 1960 e 1970, onde assistiu em primeira mão ao fim dos impérios coloniais europeus. Nunca fez uma única pergunta em conferências de imprensa.

É autor de dezenas de livros, de reportagem e ficção, e também de livros de fotografia. Em Portugal estão traduzidos *Ébano*, *O Imperador*, *Andanças com Heródoto*, *O Outro*, *Os Cínicos Não Servem para Este Ofício*, *Mais Um Dia de Vida – Angola 1975*.

Ryszard Kapuściński morreu em 2007.



NESTA COLECÇÃO

Morte na Pérsia

Annemarie Schwarzenbach
(trad. Isabel Castro Silva)

Uma Ideia da Índia

Alberto Moravia
(trad. Margarida Periquito)

Paris

Julien Green
(trad. Carlos Vaz Marques)

O Japão é Um Lugar Estranho

Peter Carey
(trad. Carlos Vaz Marques)

Veneza

Jan Morris
(trad. Raquel Mouta)

Caderno Afegão

Alexandra Lucas Coelho

Disse-me Um Adivinho

Tiziano Terzani
(trad. Margarida Periquito)

Nova Iorque

Brendan Behan
(trad. Rita Graña)

Histórias Etiópes

Manuel João Ramos

Na Síria

Agatha Christie
(trad. Margarida Periquito)

A Viagem dos Inocentes

Mark Twain
(trad. Margarida Vale de Gato)

Viva México

Alexandra Lucas Coelho

Jerusalém — Ida e Volta

Saul Bellow
(trad. Raquel Mouta)

Caminhar no Gelo

Werner Herzog
(trad. Isabel Castro Silva)

Cartas do Meu Magrebe

Ernesto de Sousa

Viagem de Autocarro

Josep Pla
(trad. Carlos Vaz Marques)

O Colosso de Maroussi

Henry Miller
(trad. Raquel Mouta)

O Murmúrio do Mundo

Almeida Faria

Viagem a Tralalá

Wladimir Kaminer
(trad. Helena Araújo)

Histórias de Londres

Enric González
(trad. Carlos Vaz Marques)

Os Primos da América

Ferreira Fernandes

Cadernos Italianos

Eduardo Pitta

Um Gentleman na Ásia

Somerset Maugham
(trad. Raquel Mouta)